

CORPO, VIRTUALIDADE E DOCÊNCIA EM TERAPIA OCUPACIONAL EM TEMPOS DE PANDEMIA: PRIMEIROS IMPACTOS (2020-2021)

Body, virtuality and teaching on occupational therapy in times of pandemics: first impacts (2020-2021)

Cuerpo, virtualidad y enseñanza en terapia ocupacional en tiempos de pandemia: primeros impactos (2020-2021)

Josie Cecília Mattos de Moraes

<https://orcid.org/0000-0002-0468-2489>

Universidade Federal de São Paulo. Departamento de Saúde e Sociedade Santos, SP, Brasil

Carla Cilene Baptista da Silva

<http://orcid.org/0000-0001-9250-6065>

Universidade Federal de São Paulo. Departamento de Saúde, Educação e Sociedade Santos, SP, Brasil

Flávia Liberman

<https://orcid.org/0000-0001-8563-5993>

Universidade Federal de São Paulo. Departamento de Saúde, Clínica e Instituições Santos, SP, Brasil

Resumo

Introdução: O cotidiano de professoras de terapia ocupacional numa universidade pública brasileira, como na maior parte do mundo, foi atravessado no ano de 2020 pela pandemia global de Covid-19. Dessa maneira, as construções de corpo e os modos de viver que ocorrem através de experiências cotidianas foram afetados. As interações mediadas pelas plataformas e ambientes on-line, que já vinham se fazendo presentes nessas construções, foram intensificadas com a medida de distanciamento social e rotinas mais restritas à casa, já que o mundo virtual possibilitou a continuidade dos processos da vida pessoal e profissional. **Objetivos:** Este artigo busca refletir sobre como as mudanças provocadas pela pandemia afetam o corpo e como ele expressa isso, com foco na necessidade de docentes universitárias de ensinar através de relações tecnomediadas. **Métodos:** Para tanto, nove docentes de graduação em terapia ocupacional foram entrevistadas, de modo on-line, seguindo um roteiro com foco nos efeitos das mudanças exigidas pela pandemia no corpo e em suas vidas. **Resultados:** Os resultados deste artigo são apresentados seguindo um eixo corpo-docente-pandemia-virtualidade em duas categorias temáticas: I) o ser corpo docente na pandemia mediado pela virtualidade; II) estratégias criadas para enfrentamento da nova condição. **Conclusão:** Este estudo permitiu refletir sobre as experiências do ser corpo docente na pandemia e das estratégias criadas para enfrentar as condições impostas por esse contexto. A construção de corpos e subjetividades é singular e pode ser potente na (re)criação de si e do mundo.

Palavras-chave: Docência. Corpo humano. Pandemia COVID-19. Ensino online

Abstract

Introduction: The routine of occupational therapy professors of a Brazilian public university, as in most parts of the world, was permeated by Covid-19 global pandemics in 2020. Therefore, the constructions of body and the ways of living that emerge from everyday experiences have been affected. The interactions mediated by online platforms and environments, which had already been present in these constructions, have intensified due to measures such as social distancing and more home-restricted routines, since the virtual world enabled people to carry on with their personal and professional processes. **Objectives:** This article seeks to reflect on how the changes caused by the pandemics affect the body and how it expresses this, focusing on university professors' need to teach within technomediated relationships. **Methods:** To this end, nine occupational therapy professors were interviewed online, following a script focused on the effects of the changes required by the pandemics on their bodies and lives. **Results:** This article's results are presented on a body-professor-pandemics-virtuality basis within two thematic categories: I) being a teaching body mediated by virtuality during the pandemics; II) strategies created to face this new condition. **Conclusion:** This study allowed us to reflect on the experiences of a teaching body during the pandemics and on the strategies created to face the conditions imposed by such context. The construction of bodies and subjectivities is singular and can be a powerful tool in the (re)creation of the self and the world.

Keywords: Teaching. Human body. COVID-19 pandemics. Online education

Resumen

Introducción: El cotidiano de profesoras de terapia ocupacional en una universidad pública brasileña, así como en la mayor parte del mundo, fue afectado en el año de 2020 por la pandemia global de COVID-19. De esa manera, las construcciones del cuerpo y los modos de vivir que ocurren según experiencias cotidianas fueron afectados. Las interacciones mediadas por las plataformas y ambientes en línea, que ya estaban presentes en esas construcciones, fueron intensificadas con la medida de distanciamento social y rutinas más restrictas a la casa, una vez que el mundo virtual ha posibilitado la continuidad de los procesos de la vida personal y profesional. **Objetivos:** Este artículo busca reflexionar al respecto de los cambios provocados por la pandemia en el cuerpo y como él lo expresa eso, con énfasis en la necesidad de docentes universitarias de enseñar a través de relaciones tecnomediadas. **Métodos:** Para tanto, nueve docentes de grados en terapia ocupacional fueron entrevistadas, de modo en línea, bajo una pauta con énfasis en los efectos de los cambios exigidos por la pandemia en el cuerpo y en sus vidas. **Resultados:** Los resultados de este artículo son presentados siguiendo un eje cuerpo-docente-pandemia-virtualidad en dos categorías temáticas: I) el ser cuerpo docente en la pandemia mediado por la virtualidad; II) estrategias creadas para enfrentamiento de la nueva condición. **Conclusión:** Este estudio permitió reflexionar al respecto de las experiencias del ser cuerpo docente en la pandemia y de las estrategias creadas para enfrentar las condiciones impuestas por ese contexto. La construcción de cuerpos y subjetividades es singular y puede ser potente en la (re)creación de si y del mundo.

Palabras clave: Empleos Subvencionados. Prisiones. Política Pública.

Como Citar:

Moraes, J.C.M., Silva, C.C.B. & Liberman, F. (2023). Corpo, virtualidade e docência em Terapia Ocupacional em tempos de pandemia: primeiros impactos (2020-2021). Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 7(1), 1494-1510. DOI: 10.47222/2526-3544.rbto54565

1. Introdução

Todo fazer é um fazer com o corpo; logo, existência e corpo são uma só realidade, e todo fazer pode possibilitar um ato de arte na vida do sujeito que o fez... existências criativas, que podem ser criadas nos atos mais simples do cotidiano ou nas atividades mais elaboradas e eruditas da vida (Almeida, 2004, p. 6).

Se todo fazer humano se dá através do corpo, se nossa anatomia é resultado das nossas relações (Keleman, 1992), e se o mundo pode ser visto como uma ecologia relacional, sendo os corpos expressão dos processos (Favre, 2004), como construímos nossos corpos nos tempos de pandemia, que exigiram distanciamento social e afastamento de relações antes criadas presencialmente, de corpo físico, toque e face a face? Uma das recomendações mais importantes da Organização Mundial da Saúde foi permanecer em casa, se possível, com intuito de diminuir a circulação de pessoas e, conseqüentemente, do vírus da Covid-19. Isso acabou restringindo, entre 2020 e 2021, as possibilidades de interação, assim como o deslocamento em espaços abertos e públicos.

As relações humanas foram reduzidas, mas não cessaram – o que mudou foi o meio pelo qual são realizadas, agora virtualmente, trazendo com isso novas maneiras de se relacionar e realizar atividades.

O ciberespaço, ao funcionar como um novo lugar de sociabilidade acaba por originar não apenas novas formas de relações sociais, com códigos e especificidades próprias, como também novos processos de subjetivação. Em alguma medida, esses novos códigos são completamente inéditos e se apresentam como uma reformulação das possibilidades já conhecidas de sociabilidade, bem como de atividade humanas (Ferigato et al., 2019, p. 221).

Assim, a rotina de professoras universitárias,¹ cujas atividades se tornaram virtuais, foi alterada drasticamente, pois todas as suas funções passaram a ser realizadas no espaço domiciliar. Foi preciso construir a presença do corpo de outras maneiras; deixaram de estar de pé diante de uma sala para estar sentadas na frente do computador, comunicando-se por câmera e microfone, e exibidas numa tela para os/as estudantes. Instaurou-se uma profunda reflexão sobre o que significava ser docente naquele momento, e o que fazer a esse respeito.

A pandemia exigiu um olhar para o corpo como “digno de atenção” (Orlandi, 2004). Na terapia ocupacional não é diferente; com foco nos fazeres e nas ações no cotidiano, o corpo é tomado como guia nos processos formativos das estudantes e se mostra importante sinalizador dos efeitos provocados pela

¹ Optamos por privilegiar o uso de pronomes e adjetivos no gênero feminino, já que as docentes e alunas são, majoritariamente, mulheres.

pandemia. Isso está de acordo com algumas ideias trazidas por terapeutas ocupacionais quando discutem o tema da corporeidade e sua relação com a prática profissional no campo.

Terapia ocupacional trabalha com o corpo em todas as suas redes e complexidades... dos pés à cabeça em toda e qualquer atividade... é a paixão de imaginar de corpo inteiro... A redundância de dizer corpo inteiro é para enfatizar essa complexidade humana que não pode ser reduzida a unidades distintas... A terapia ocupacional não seria sempre uma terapia com o corpo, uma vez que todo fazer é um fazer com o corpo? (Almeida, 2004, p. 4).

Seria inevitável que a pandemia de Covid-19 – iniciada oficialmente no Brasil em março de 2020, com medidas de contenção da propagação do vírus – interferisse e modificasse os corpos e, conseqüentemente, a vida de muitas pessoas, destacando-se neste artigo docentes universitárias de terapia ocupacional, entre o segundo semestre de 2020 e o primeiro de 2021. Segundo a Federação Mundial de Terapeutas Ocupacionais, a pandemia causou um grande impacto coletivo que não era vivenciado desde a gripe espanhola na década de 1920. Por consequência, isso mudaria a forma como as pessoas realizam suas ocupações: acesso a recursos, atividades de vida diárias, comunicação, mobilidade, isolamento social, deslocamento, saúde mental e bem-estar (Silva et al., 2020).

Este artigo busca refletir sobre como o corpo é afetado e expressa as mudanças provocadas pela pandemia, considerando o atravessamento da virtualidade nas relações e cotidianos, com foco na exigência de relações tecnomediadas no ensino de docentes universitárias. Também busca perceber como se criaram estratégias e ressignificações singulares e coletivas para lidar com essa condição.

2. Métodos

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas seguindo um roteiro com foco nos efeitos das mudanças exigidas pela pandemia no corpo e na vida das docentes, tanto em âmbito profissional como pessoal. Entendemos a entrevista como forma de interação social, e que o roteiro auxilia a organização dessa interação no momento da entrevista, para ambos pesquisador e entrevistado, tornando o fornecimento de informações mais preciso (Manzini, 2003). Dessa forma, foi elaborado um roteiro para as conversas com as docentes, contendo nele tais questões norteadoras: (1) "Há quanto tempo atua como T.O.?" (trajetória); (2) "Como e porque se tornou professora?"; (3) "Como está sendo a experiência de trabalhar via internet?"; (4) "Como divide o trabalho com as outras atividades estando dentro de casa?"; (5) "Sente impactos no corpo com essa nova condição? Se sim, quais? Procura algum meio para aliviá-las?"; (6) "Como enxerga seu corpo e o que ele te representa?" (7) "Na sua opinião, quais as grandes mudanças que a pandemia poderá causar nas atividades e no fazer humano, principalmente com a virtualização das relações, e como isso influencia na atuação da terapia ocupacional?"

Esta pesquisa teve caráter qualitativo, focada na dimensão sociocultural expressada através de crenças, valores, opiniões, simbologias, usos, costumes, comportamentos e práticas (Minayo, 2017) que surgem nas narrativas das participantes. Nos relatos, buscou-se captar significados e valores atribuídos ao corpo como veículo de experiência dessas docentes no contexto da pandemia, para identificar demandas e possíveis estratégias do grupo. Minayo acredita que a vivência pessoal carrega ingredientes do coletivo, e que sua narrativa faz revelações sobre o grupo em que está inserida, juntamente de seu tempo histórico.

As entrevistas foram realizadas on-line, do segundo semestre de 2020 ao primeiro de 2021, com nove professoras atuantes da Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista, sendo apenas um docente do sexo masculino. Apesar da universidade se encontrar no município de Santos – SP, algumas docentes se encontravam em outras cidades devido à reclusão imposta pelas condições da pandemia, todas estavam localizadas no estado de São Paulo, majoritariamente na região metropolitana e litoral Sul.

Neste artigo vamos identificar as professoras com “P” e numerá-las de 1 a 9. Procurou-se diversidade entre as participantes, principalmente no quesito de constituição familiar e idade, a escolha dependeu também da disponibilidade e acesso a essas docentes no período da pesquisa. As idades variaram de 31 a 59 anos. Quanto à constituição familiar, duas moram com companheiro e filhos adultos (P2 e P3); uma com companheiro, filha adulta e idosos (P4); duas com companheiro e filhos pequenos (P5 e P6); três apenas com companheiro (P1, P7 e P8); e um com irmão e, eventualmente, com filho pequeno (P9). Essas informações dizem respeito ao período em que as entrevistas foram realizadas.

Sete entrevistas foram feitas durante o segundo semestre de 2020, mas, ao transcrever e analisar as informações, considerou-se a importância de acrescentar vivências de professoras com filhos pequenos em casa. Então, foram feitos novos convites, e as duas últimas entrevistas foram realizadas no início do primeiro semestre de 2021. Afinal, “o pesquisador pode articular as informações que recebe como num quebra-cabeças, e para enriquecê-las, buscar novos interlocutores e fazer novas observações” (Minayo, 2012, p. 16).

Todas as participantes foram convidadas por e-mail ou aplicativo de celular, com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em anexo e informações sobre procedimentos e objetivos da pesquisa, assim como a garantia de sigilo dos dados pessoais.

As entrevistas foram realizadas por chamadas de vídeo na plataforma Google Meet e gravadas com permissão prévia de cada participante, para posterior transcrição. A partir das transcrições, deu-se a análise de conteúdo temático de acordo com os pressupostos de Minayo (2014). Assim, as falas foram agrupadas por semelhança, delineando diferentes núcleos temáticos. Este artigo focará nos temas que envolvem o efeito da pandemia e o atravessamento da virtualidade nos corpos dessas docentes.

3. Desenvolvimento

O corpo é o lócus/passagem através do qual existimos e experimentamos os processos do viver. Para Keleman (1992), todo ato é corporal, e nossa anatomia é construída com base nos vínculos sociais, nos graus de azeitamento das relações no encontro dos corpos com/nos diferentes ambientes (Lieberman, 2008).

Os modos como esses corpos são construídos dependem de diversas dimensões, dentre eles cultura; genética...; os acontecimentos vividos; os tipos de vínculos estabelecidos ao longo da existência; a subjetividade que acompanha, molda e orienta os corpos e a vida em determinado tempo/espço (Lieberman, 2007, p. 35).

Muito além de uma composição mecânica e funcional, o corpo pulsa e sente, e nada nele é isento de sentidos emocionais, por mais que seus conteúdos não estejam explicitados em nossa consciência. Sendo sede de toda experiência desde o desenvolvimento na barriga da mãe, do nascimento à morte, o corpo se encontra, ao longo das diferentes fases da vida, em permanente construção e mudança. Favre (2004) aponta a necessidade de apreender o mundo como uma *ecologia relacional*, pautada por vínculos e afetividade, pela capacidade conectiva do sujeito e seu entorno, produzindo corpos que são expressões vivas do encontro com outros corpos, humanos ou não.

Essas mudanças ocorrem no *vivo* e são diretamente influenciadas por todo tipo de experiências, vínculos e conexões que cada corpo estabelece com outros. São processos de subjetivação nos quais ele vai tomando formas diferentes ao longo da vida, se redesenhando e sustentando vivências em diferentes graus de intensidade e excitação.

As formas que os corpos assumem a cada momento e em cada situação, as diferentes maneiras de participação do sujeito em uma ou outra proposta, as palavras que acompanham suas experiências no mundo constituem elementos reveladores e, ao mesmo tempo, produtores de diversidade e de realidades (Lieberman, 2010, p. 66).

Corpo e mundo são cocriados, produzindo diferentes realidades em processos adaptativos, inventivos, delicados, ora mais ora menos potentes para seguir em sua "tarefa formativa", como afirmam Keleman (1992) e Favre (2004). Considerando esses autores e Lieberman (2010), podemos dizer que a produção de si, do corpo e do mundo fazem parte de um mesmo processo e são indissociáveis. Tudo isso acontece nos encontros, nas trocas e na capacidade de estabelecer conexões através de ações, estados e sentimentos. Um corpo sozinho no mundo não produz existência, é necessária a relação de troca com o outro e com o entorno. O corpo é um ambiente dentro de um ambiente poroso em conexão com outros ambientes (casa, território, país, planeta) em diferentes camadas (Favre, 2004; Keleman, 1992).

Nas trocas o corpo se (des)constrói e reinventa continuamente. O outro com o qual se relaciona é múltiplo, desde pessoas a todo tipo de acontecimento: movimentos políticos, culturais e socioeconômicos, valores e costumes, guerras, modas (Favre, 2004) – e uma pandemia global.

A pandemia de Covid-19 trouxe inúmeros impasses e desafios, tornando urgente instaurar processos adaptativos, inventivos e de assimilação do vivido. Em um primeiro momento, sendo uma situação de ampla magnitude, causou em muitos de nós um intenso desconforto, desestabilizando radicalmente nossos equilíbrios já precários individual e coletivamente, provocando medos e inseguranças, entre muitas outras emoções ambivalentes.

Além disso, outros acontecimentos nos atravessaram junto à pandemia, como a desenfreada crise sanitária e política no Brasil e os cotidianos que, apesar da conjuntura, continuaram a existir nas dimensões de relações pessoais, de trabalho, lazer, estudo, descanso, responsabilidades, família etc.

A pandemia de Covid-19 trouxe à tona impasses e dificuldades inerentes à vida cotidiana e organização da rotina. A suspensão de algumas atividades, como o trabalho e as aulas, implicou também em uma ruptura com a temporalidade, movimentos, espaços e relações sociais que a elas se relacionam (Teixeira & Dahl, 2020, p. 515).

A somatória dessas questões trouxe à tona os diferentes modos como o cotidiano é organizado e, conseqüentemente, como o corpo habita esse momento e se constrói diante de impasses tão delicados. A pandemia, com as estratégias de distanciamento e isolamento para contenção do vírus, acabou restringindo inúmeras vivências presenciais. As relações sociais prosseguiram, mas agora mediadas por corpos não humanos, como os equipamentos eletrônicos, que se tornaram uma extensão dos corpos humanos junto com o uso intensivo da internet.

As maneiras como os corpos que vivenciam esse período são afetados e respondem aos diferentes desafios podem ser singulares, comuns ou plurais. Assim, para começar a investigar alguns desses efeitos, buscou-se afinar o foco e reduzir o olhar para um grupo e um contexto mais específicos: o cotidiano de trabalho de docentes universitárias de terapia ocupacional que foi atravessado pela pandemia e pelas relações tecnomediadas.

A reorganização do cotidiano pode ser muito desafiadora, principalmente quando imposta de maneira dura e emergencial. Relatos retirados da narrativa das participantes destacam como seus corpos vivenciaram esse momento. Esses fragmentos buscam articular e problematizar algumas questões já trazidas aqui que envolvem o eixo derivado da presente pesquisa: corpo-docente-pandemia-virtualidade.

I) O ser corpo docente na pandemia mediado pela virtualidade

Meu corpo é minha casa, casa das minhas emoções, da minha alma, dos meus pensamentos, daquilo que eu acredito. (P3)

O corpo é meu veículo de existência... o corpo conta muito da nossa história. (P4)

O corpo é nossa casa... onde a gente habita. Só que pra cuidar dessa casa é muito complexo. ...O corpo é... o dente, o cabelo que cai... a unha que encrava, o olho que não enxerga direito por causa do excesso da tela. (P6)

Como podemos observar nas falas das docentes, o corpo é reconhecido e experimentado como casa das emoções e da alma, veículo de existência, templo e local que se habita. Também neste momento de pandemia ele pôde assumir um lugar de ancoragem, tal como testemunhamos no seguinte relato:

Quando minha cabeça vai longe, o corpo é o lugar onde habito, então faço minha pausa, percebo onde eu tô. Muito atenta aos sinais, aos desejos, ... que tipo de movimento quero fazer. (P2)

Através dos depoimentos das docentes, nos parece importante pontuar que entendemos o corpo e aquilo que os corpos experimentam dentro de uma perspectiva multidimensional. Para Liberman (2010),

A construção desses corpos, ou melhor, os seus modos de funcionamento são efeitos de vários fatores: da cultura; da genética com seus aspectos ligados à hereditariedade; da vida do sujeito e dos acontecimentos vividos; dos tipos de vínculos estabelecidos ao longo de uma existência e da subjetividade que acompanha, molda e orienta certos modos de funcionamento dos corpos e da vida em determinado tempo/espço, entre tantos outros aspectos (p. 11).

A maneira como se constrói esse corpo impõe uma visão e percepção que carrega um significado muito singular para cada pessoa.

Esse corpo tá atravessado por muitas coisas e a partir deste corpo que eu tô pensando, fazendo escolhas, desejando, vendo o que é importante e o que não é. (P2)

Com essas narrativas das entrevistadas que apresentaram ligação direta com os diferentes sentidos e com a forma como experimentavam seus corpos nesse momento particular, foi possível estabelecer uma conexão com a ideia de corpo multidimensional, tal como apontado anteriormente. Para algumas das entrevistadas, o corpo é tomado como ponto de partida para entender como ocorrem todas as experiências nessa vida, e durante a pandemia pôde funcionar como um "guia" para reconhecer e perceber muito do que se passava naquele momento. Observando a importância dada ao corpo pelas docentes, pode-se dizer que ele era definido como casa, âncora, canal de expressão da alma, lugar de

desejos e de ação. A pandemia e suas exigências incidiram nos corpos das docentes e, conseqüentemente, afetaram suas vidas.

Através da leitura dos relatos foi observado que a necessidade de reclusão dentro de casa imposta pela pandemia restringiu ações consideradas muito importantes para o bem-estar das docentes: o contato físico e o movimento. Para Almeida (2004), o corpo é algo que tem a função de estar em ação, estabelecendo relações com o mundo, fazendo jus a esses sentimentos relatados.

Sinto muita falta de encontrar as pessoas e de abraçar, acho que isso é a parte que mais dói.
(P1)

Eu sinto muita falta do olho a olho, do contato, de estar com as pessoas, isso tem afetado meu emocional porque eu gosto disso. (P3)

É importante destacar o uso do termo "dor" para se referir à falta do encontro. Isso revela como realmente é um sentimento forte, que afeta diretamente o emocional, assim como é relatado pela P3. Fica claro também que o contato visual e presencial possibilita comunicações importantes para as entrevistadas, assim como é valioso na construção de presença.

Me angustia um pouco essa questão da interação, sinto falta disso. Quando eu tô em sala de aula, por mais que a aluna não fale, ... eu tô interagindo com ela por outros canais, consigo ler a linguagem não verbal. (P3)

Se no presencial, a presença já é dita pelo seu corpo físico... No ambiente virtual, a gente precisa construir essa presença... Esse tem sido um desafio. (P7)

Além da dificuldade de captar como acontecem as interações que se estabelecem no ensino on-line, as relações durante a aula virtual são ainda mais dificultadas quando as estudantes optam por não ligar a câmera. Trata-se de uma vontade pessoal, mas algumas docentes mostraram um desconforto em relação a essa situação:

A aula com quarenta alunas com a câmera fechada e você falando pra tela é muito angustiante, eu sofri um tanto com isso. (P6)

É necessário enfatizar a perspectiva que foi adotada ao realizar essa pesquisa – de que a construção de si e de mundo se dá através das relações vivenciadas e criadas pelo corpo – para a partir deste olhar sobre as corporalidades e seus processos singulares poder questionar o quanto a vida dessas docentes foram afetadas, uma vez que relatam dor, angústia e sofrimento ao ter, por exemplo, seus contatos face a face reduzidos.

Quanto ao segundo fator fortemente identificado – o movimento, principalmente referente ao deslocamento que o trabalho exigia de “sair de casa para o trabalho” –, apareceram sensações de restrição, desânimo e falta do gasto energético e da experiência do caminhar:

A pandemia também me restringiu muito. Ficar dentro de casa o tempo todo é muito entristecedor, isso me desanima. (P4)

Pra almoçar eu andava três, quatro quadras, voltava, andava mais. Você não tem essa coisa do andar como eu fazia antes. (P1)

Eu sinto falta de ter mais gasto energético. De correr, de coisas que nos movimentam mais. (P7)

Em contrapartida, a falta de deslocamento apareceu em um relato de maneira positiva, num contexto em que a docente é mãe de filhos pequenos:

Eu sou mãe e professora, o fato de não ter o deslocamento é bom. Pra muitas pessoas têm sido ruim a coisa de estar isolada, mas eu montei uma estrutura... todos os dias eu tô com os meus filhos, é uma condição privilegiada. (P6)

Apesar de a maioria relatar descontentamento com a falta do deslocamento que o trabalho antes gerava, a presença de uma perspectiva positiva do mesmo acontecimento mostra como, mesmo as vivências e demandas sendo parecidas, a experiência de cada uma é singular e envolve inúmeros fatores contextuais e pessoais, comportando também contradições e ambivalências.

Entre essas vivências, a maneira como o cotidiano é construído foi claramente sofrendo interferências, com mudanças e necessidade de adaptações. Um fator que se mostrou marcante nesse processo foi a presença do virtual e das relações tecnomediadas. A virtualidade das relações se tornou marcante não por ser um aspecto novo, mas, pelo contrário, por escancarar as construções de corpo e vida que com a virtualidade já vinham ocorrendo. As atividades de casa interferiam ou faziam composição com as atividades do trabalho que aconteciam no modo on-line, como mostram esses relatos:

Às vezes eu tô pondo roupa na máquina e ouvindo uma reunião. (P4)

Às vezes quando tem sol eu vou lá fora no quintal fazer reunião. (P2)

Não só as questões do trabalho, mas todas as dimensões do cotidiano, como formação, família e tempo livre, foram deslocadas e restringidas ao ambiente doméstico, o que produziu uma fusão de diferentes espaços do cotidiano em um só lócus (Teixeira & Dahl, 2020). E assimilar todas essas ressignificações do cotidiano foi algo bastante desafiador, gerando uma nova percepção de tempo e espaço e uma sensação de sufoco, tal como expressa uma das entrevistadas:

Aquilo começou a me dar um sufoco, não consigo estar em todos esses lugares ao mesmo tempo, estando ao mesmo tempo num único lugar, que é dentro da minha casa. (P1)

A virtualidade e seus equipamentos já estão inseridos no nosso corpo há muito tempo. Através de telas, rede de internet, teclado, câmeras e fones de ouvido, o corpo vem se relacionando e se construindo, ao ponto de esses corpos não humanos estarem tão acoplados aos nossos corpos que se tornam mais que uma extensão, mas parte da constituição corporal (S. H. Ferigato, comunicação em aula).²

São aparelhos não vivos que nos influenciam muito. Se a gente fica sem o celular por um dia, parece que a gente tá sem algo nosso. (P7)

Ao se falar sobre construção de corpo atualmente, é imprescindível considerar a cibercultura. No ciberespaço ocorre a virtualização da realidade (Ferigato et al., 2019), que produz efeitos concretos, capazes de moldar esse corpo e sua maneira de viver. Com essa intensificação do uso digital, notaram-se novas percepções sobre o próprio corpo visto através de câmeras e projetado por telas, como a intensa visualização dos corpos enquanto se comunicam numa chamada de vídeo ou em aulas:

A gente está se vendo muito... É muito estranho eu falar e me ver. E como eu uso minha imagem? Às vezes eu falo: tô precisando de um Botox urgente aqui. (P2)

A intensificação dos processos de cotidiano na vida das docentes pareceu ocorrer em todos os âmbitos, uma vez deslocados para o ambiente de suas casas. A jornada de trabalho sofreu uma dissipação de seus limites espaciais e temporais, pois os espaços e o tempo foram ampliados e dedicados ao trabalho que se imaterializa e se virtualiza (Ferigato et al., 2019), o que gerou algumas consequências como cansaço e privação de experiências sensoriais, nas palavras de algumas das docentes:

Aumentou muito o volume de trabalho... com a pandemia, piorou. Agravou isso do on-line, porque acho que deu uma falsa sensação de que a gente consegue fazer mais coisas estando aqui. (P6)

É cansativa [a rotina de trabalho em casa]; quando você vê, já passou o dia inteiro dentro de um quarto. A experiência corporal é de privação sensorial. Os cheiros, essa coisa de sair de casa, pegar um ônibus, tomar sol, mesmo de pegar um trânsito, ir numa fila. A gente perde, fica que nem um bicho acuado, numa gaiola. (P4)

Às vezes, eu entro num computador, pisco o olho e eu fiquei quatro horas sem ir ao banheiro, sem beber água, porque passa muito rápido. (P6)

² Fala da prof.^a Sabrina Helena Ferigato na disciplina de Atividades e Recursos Terapêuticos (Universidade Federal de São Paulo), em 5 de julho de 2021.

Apesar das dificuldades relacionadas à intensa presença da virtualidade na vida das docentes, elas também reconhecem o quanto isso pode ser uma potência. Afinal, o uso dos meios digitais foi a solução para manter os trabalhos na docência, dando continuidade à formação e ao vínculo com alunas e outras professoras.

Acho que um ganho nesse momento de quarentena, de ter que dar aula remota, foi explorar nossa criatividade... Estamos conseguindo criar grupalidade, coesão, um vínculo. Mesmo que no ambiente virtual. (P7)

Eu acredito que isso é uma potência do que a pandemia trouxe, porque ela permitiu encontros que não são presenciais, mas que são importantes e potentes através de uma outra realidade. (P3)

Dessa forma, é importante pontuar que as perspectivas sobre a relação com a virtualidade podem ser múltiplas, e não necessariamente duais, positivas ou negativas. Existe uma coexistência de fatores e uma complexidade ao se observar a criação de corpos e de mundos mediada pelo virtual. Essa relação atravessou o cotidiano das professoras e provocou uma ampla rede de reflexões complexas e importantes. É possível observar uma delas nesse relato:

Ser professora na pandemia não é só usar o ensino remoto, é estar numa situação social de medo... um cotidiano todo transtornado... ser professor no Brasil – eu senti que às vezes a gente ficou vivendo um paradoxo, se a gente parar é mais um motivo pra eles dizerem que a gente não faz nada, e que é um monte de vagabundo, que a gente tem mais que destruir universidade pública. (P4)

Ser professora carrega em si uma grande responsabilidade de possibilitar acesso e meios para adquirir conhecimento, contribuindo com a formação e emancipação das alunas. Tal responsabilidade, além de importante aspecto no “ser docente”, é também desafiadora quando se trata de um país como o Brasil, cujo governo, neste momento da pandemia, é caracterizado por uma tentativa de desmonte do ensino público e consequente desvalorização do trabalho docente.

Dessa forma, todos esses acontecimentos entre docência e pandemia afetam diretamente a vida e o exercício da docência, sendo o corpo um sinalizador de alguns desses efeitos:

O meu corpo sentiu bastante a pandemia. Apesar de eu me cuidar bastante, tive duas crises de coluna bem importantes... acho que tem a ver com a questão da diminuição do movimento. (P3)

Ganhei uma outra dor, que fazia tempo que eu não tinha, a tendinite. Porque é isso aqui [movimento de teclar com as mãos] o tempo todo. (P1)

Por ficar muito tempo, agora especialmente, sentada no computador, já tinha bastante dor na coluna, principalmente pescoço, e agora tá doendo a lombar também. (P8)

Um dos sinais que foram observados nos relatos dizia respeito à dor presente nos corpos. Todas essas dores são relacionadas pelas próprias docentes ao excesso de tempo numa mesma posição, aos movimentos repetitivos e à diminuição de movimentos mais amplos e variados, que o deslocamento entre espaços proporcionava. É importante saber reconhecer esses sinais, pois todos esses efeitos negativos podem afetar diretamente a saúde e o bem-estar em relação ao próprio corpo, e afetar as relações, gerando, muitas vezes, desconfortos e insatisfação, tal como indicam algumas das entrevistadas:

Eu sinto mais um cansaço presente no meu corpo... meio travado, meio dolorido... não percebo tanto meu corpo nesse momento. (P7)

Não tô satisfeita, ando cansada, triste, as roupas não servem, a coluna dói, tô muito tempo sentada. Acho que foi um estrago mesmo, acho que eu envelheci uns anos. (P4)

No começo, acho que o mais difícil... foi aliar o trabalho com as outras coisas, com ansiedade, com o medo de ficar doente. (P9)

Essas falas expressam quão difíceis foram algumas das experiências provocadas pela pandemia: cansaço, tristeza, insatisfação e medo, além da falta de contato com o próprio corpo, não o percebendo nesse momento, ou não conseguindo reconhecer e identificar seus múltiplos estados. Isso se deve a todas essas condições desafiadoras que foram e ainda são vivenciadas nos corpos das docentes ao longo da pandemia.

II) Estratégias criadas para enfrentamento da nova condição

É muita flexibilidade, muita terapia, porque é bem complexo. (P6)

Tão importante quanto reconhecer os efeitos que tais vivências causam no corpo e, conseqüentemente, na saúde, é buscar estratégias para lidar com eles. Não é simples, e os caminhos podem ser vários. Algumas docentes referem-se a essa situação da seguinte maneira:

A gente tá o tempo inteiro recebendo notícia ruim, como você absorve isso? É o corpo que absorve. E como você também cria os mecanismos de defesa, porque é muita tragédia o tempo inteiro. (P6)

Como é que a gente cuida... É difícil. Como você está sentada, onde coloca o computador para poder fazer uma reunião, coisas concretas mesmo. Que tipo de lugar escolhe pra fazer as coisas. (P2)

A readaptação e o reinventar-se são processos muito pessoais, mas que acabam ocorrendo como resposta de sobrevivência às condições impostas pela vida. Para Favre (2004) essas situações nos obrigam a criar um se que antes não existia, que ainda não dispunha, em seu repertório, de formas existenciais e mapas para se orientar, e dessa maneira fazem com que sejam criados e articulados novos meios de viver.

Muita capacidade de readaptação e reinvenção. (P4)

Uma característica boa em alguns aspectos é ir criando recursos internos e estratégias pra ir me adaptando à nova condição,... tentando minimizar meu sofrimento. (P3)

Uma das estratégias muito valorizadas pelas docentes foi o compartilhamento de sentimentos numa terapia, ou mesmo entre elas, e a rede de apoio que foi criada. Numa nova condição como essa é muito importante saber que não se está passando por tudo sozinha, podendo se reconhecer, ter amparo e até mesmo dar ensejo a processos de subjetivação individuais e coletivos.

Em relação aos processos de subjetivação, trata-se do encontro com o outro em sua alteridade e as perturbações provocadas por esse outro como presença viva em mim, a partir da permeabilidade, disponibilidade, das condições as mais variadas, e, especialmente, da possibilidade de suportar as turbulências produzidas nesses processos, de engendrar novos modos que pedem passagem, expressão e invenção (Lieberman, 2010, p. 32).

Alguns recursos como terapia e reuniões entre as professoras se mostraram valiosos e necessários nesse momento, como é possível observar nestas falas:

Teve reunião da TO [Terapia Ocupacional] que a gente chorava no final, todo mundo muito mal. (P1)

Faço terapia pelo WhatsApp, eu acho bem importante ter algum tipo de acolhimento, que seja grupo ou individual, pra saúde mental. (P2)

Eu tô fazendo terapia comunitária por vídeo, tá sendo muito interessante. Escutar as pessoas, elas contam os problemas, a gente discute, chora, é muito legal, tá sendo uma experiência interessante, só não dá pra se abraçar. (P4)

É importante destacar que esses encontros de acolhimento só foram possíveis com a presença de recursos virtuais. Entre suas inúmeras potências e desafios, o meio virtual se mostrou um grande aliado no enfrentamento da reclusão e de toda vivência na pandemia por permitir a aproximação entre as docentes. Para Ferigato et al. (2019), o ambiente virtual torna-se oportuno para disseminar conhecimentos e competências, além da cooperação mútua e construção coletiva de fragmentos de saberes.

Mas para que haja uma maior harmonia na rotina, equilibrando muito tempo de trabalho na frente do computador com lazer, cuidados da casa e saúde, algumas das docentes perceberam que o uso de calendários e cronogramas poderia facilitar a organização da rotina, como se pode ver no seguinte relato:

Eu tento seguir um calendário, uma espécie de organização de tarefas na semana... e tem que ter um cuidado grande, porque se não atropela tudo, ou não faz as coisas de casa ou não faz as da universidade. (P8)

Essa tentativa de estruturar a rotina com agendas e cronogramas é vista por Teixeira e Dahl (2020) como uma estratégia importante para minimizar os efeitos desorganizadores e desestruturantes que a pandemia causa na subjetividade e na experiência de estar no mundo.

Retomando e reafirmando o quanto esses efeitos são vivenciados no e através do corpo, a fala de uma docente identifica e evidencia o uso intensivo do corpo como professora:

O professor, [tanto no presencial como] no virtual [...] usa muito o corpo. (P8)

A gente tem feito dinâmicas de sair do computador. Teve uma de deitar no chão. Sai do computador, sai da imagem, deita e percebe, respira! (P2)

Fica cada vez mais clara a importância que deve ser dada aos sinais que o corpo dá como resposta desse uso e à invenção de diferentes modos e estratégias para lidar com os desafios e potencialidades presentes no enfrentamento das mais diversas situações.

Para lidar com as dores e desconfortos experimentados por muitas das docentes: "*Eu senti que esse ano eu fui diminuindo a atividade física, e o corpo vai mandando a conta*" (P6), várias estratégias de cuidado puderam ocupar o novo cotidiano que se impunha: práticas corporais foram atividades muito importantes nesse período, ainda que algumas delas tenham sido mediadas pela virtualidade e também atravessadas pela necessidade de se praticar em casa, foram bons "escapes" utilizados pelas docentes:

Comecei a meditar. Estou ficando mais ligada na minha respiração, uma possibilidade que antes eu não tinha... E a respiração é fundamental pra isso... ou você respira e centraliza, ou você pira. (P1)

Eu consegui trazer pra minha casa tudo que eu fazia fora, então eu faço ioga, medito, corro no prédio. (P3)

O que eu tenho feito... quando eu levanto do computador, é alongar um pouco as costas, pescoço, braço, aquela esticada. (P8)

Uma outra estratégia que se destacou nos relatos foi o uso da arte, essa que é extremamente ampla em suas possibilidades, desde escutar músicas, ver filmes, ler livros, até a produção própria de arte. Para Almeida (2004), a arte é criação constante de si, através de novas formas de estar no mundo, recriando sua existência. O autor destaca que, se possibilitarmos que as mudanças sejam significativas e nos levem a novas realidades, intensificando a vida, produziremos a vida como obra de arte, a existência como criação.

Talvez a arte seja redentora de como a gente vai se expressar. (P4)

O que me anima é que eu comecei a cantar num coral virtual... De vez em quando faço aulas de piano com uma amiga. (P4)

Eu gosto muito de música, então toco um pouco de violão às vezes, é um momento de dar uma espairada. (P9)

Da terapia à arte, de cronogramas à meditação, buscar alívio de sofrimento e dor nessa nova condição foi de extrema importância para as docentes. Com cotidianos atravessados por novas demandas e organizações, a capacidade de adaptação foi colocada em xeque. Todas, como docentes de terapia ocupacional, comentaram que esse momento diz muito sobre o que a profissão trabalha: a estruturação de um cotidiano que enfrenta uma adversidade, com a busca por recursos e adaptações para obter autonomia e qualidade de vida.

4. Considerações finais

As vivências no cotidiano de cada pessoa carregam infinitas possibilidades de acontecimentos, potências e desafios devido à pluralidade de contextos existentes no mundo. Mas cada cotidiano é um mundo para aquele que o vive, e a subjetivação e significado que carrega pode trazer algum sentido à vida.

Os meios de reconhecer e inventar novos modos de pensar, sentir e agir, tiveram o corpo como principal balizador e provocador de tais processos de subjetivação em tempos de pandemia. Esses corpos que atravessaram e seguem atravessando a pandemia de Covid-19 carregam em si tudo que vem sendo sentido, falado, pensado e agido. Os corpos das docentes com os quais se obteve contato neste artigo relataram dor, luto, saudade, medo, ansiedade, desejo e anseio. A fala da autora a seguir reforça o quanto tudo isso é atividade somática e constrói os corpos:

Podemos dizer que tudo que vivemos é atividade somática, ampliando a visão restrita e cindida de que trabalhar o corpo é somente realizar uma atividade física, como ginástica ou algum esporte, para uma compreensão de que estamos o tempo todo tratando de corpos em formação, construídos e reconstruídos detalhadamente, sutilmente e de modo bastante refinado em cada vivência, em cada experiência, em cada encontro (Lieberman, 2010, p. 69).

Os efeitos da pandemia nos corpos das docentes já são identificados por elas, e a busca pela minimização de sofrimento e pela melhora do bem-estar parece incessante. O contexto de doença viral propagada no mundo, enquanto o Brasil vive um desgoverno com crise na saúde, economia, segurança alimentar e desmonte do ensino público, certamente não é favorável. Ser docente na área da saúde numa universidade pública acaba sendo um ato de resistência – corpos que resistem e lutam.

A rotina é desgastante e os desafios que já existiam parecem ter se intensificado, mas, junto a isso, a capacidade de reinvenção e conexão se mostrou presente. Com a possibilidade do meio virtual, as docentes se mantiveram ativas e em movimento, mesmo que dentro de suas casas. Tudo em prol da formação de futuras profissionais de terapia ocupacional e da permanência de laços criados no âmbito do trabalho.

Todos esses fatores puderam ser reconhecidos através da perspectiva de como os corpos vivem e produzem existência. O corpo, tido como “veículo” de experiência e casa das emoções, vive e constrói o estar e ser nesse mundo, contemplando a busca pelo entendimento da subjetividade e por significações para cada momento vivido na história. Sendo assim, o corpo e os modos singulares de viver são temáticas importantes de estudo. Com esta pesquisa, pode-se destacar a importância de olhar para o próprio corpo com atenção e afeto, como ele sente e sinaliza aquilo que vivemos, e como um potente e enriquecedor modo de observar e reinventar a si e ao mundo.

Referências

Almeida, M. V. M. (2004). *Corpo e arte em terapia ocupacional*. Enelivros.

Favre, R. (2004). Viver, pensar e trabalhar o corpo como um processo de existencialização contínua. *Revista Reichiana do Instituto Sedes Sapientiae*, 12(13), 75-84. <https://www.hernankesselman.com.ar/viver-pensar-e-trabalhar-o-corpo-como-um-processo-de-existencializacao-continua/>

Ferigato, S. H., Silva, C. R., & Lourenço G. F. (2019). Cibercultura e terapia ocupacional: ampliando conexões. In C. R. Silva (Org.), *Atividades humanas & terapia ocupacional: saber-fazer, cultura, política e outras resistências* (pp. 218-231). Hucitec Editora.

Keleman, S. (1992). *Anatomia emocional: a estrutura da experiência somática*. Summus Editorial.

Liberman, F. (2008). *Delicadas coreografias: instantâneos de uma terapia ocupacional* [Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. <https://bit.ly/3ycl1MQ>

Liberman, F. (2010). O corpo como pulso. *Interface*, 14(33), 449-460. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832010000200017>

Manzini, E. J. (2003). Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In M. C. Marquenez, M. A. Almeida, & S. Omote (Orgs.), *Colóquios sobre pesquisa em educação especial* (pp. 11-25). Eduel.

Minayo, M. C. S. (2012). Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(3), 621-626. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>

Minayo, M. C. S. (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. Hucitec Editora.

Minayo, M. C. S. (2017). Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 5(7), 1-12. <https://bit.ly/2TAHLab>

Orlandi, L. B. L. (2004). Corporeidades em minidesfile. *Revista Unimontes Científica*, 6(1), 43-60. <https://bit.ly/3rF1Rgi>

Silva, C. R., Gozzi, A. P. N. F., Paolillo, A. R., Andrade, A. F., Fernandes, A. D. S. A., Santos, C. A. V., Lourenço, G. F., Morato, G. G., Barbosa, L. C. M., Martinez, L. B. A., Silva, M. J., Castro, S. M., Ferigato, S. H., Lussi, I. A. O., & Carrijo, D. C. M. (2020). Terapia ocupacional na universidade pública e ações de enfrentamento à Covid-19: singularidades e/nas multiplicidades. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional*, 4(3), 351-370. <https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto34463>

Teixeira, M. R., & Dahl, C. M. (2020). Recriando cotidianos possíveis: construção de estratégias de apoio entre docentes e estudantes de graduação em terapia ocupacional em tempos de pandemia. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional*, 4(3), 509-518. <https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto34425>

Contribuição das autoras: J.C.M.M. foi responsável pela elaboração, coleta de dados, formatação, análise dos dados, revisão do texto C.C.B.S. e F.L. foram responsáveis pela orientação do trabalho, análise dos dados e revisão do texto.

Recebido em: 14/09/2022

Aceito em: 07/12/2022

Publicado em: 28/02/2023

Editor(a): Ricardo Lopes Correia